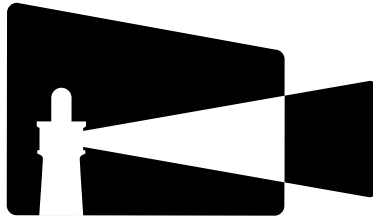


Oi e CAIXA Cultural RJ
apresentam



FARÓIS DO CINEMA

quem faz e quem inspira

DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO

sumário

APRESENTAÇÃO **04**

PROGRAMAÇÃO **08**

CINEASTAS/FARÓIS **10**

SINOPSES **32**

CRÉDITOS **43**

6 a 19 de set 2010

CAIXA Cultural RJ

Rua Almirante Barroso, 25 - Centro

Oi Futuro em Ipanema

Rua Visconde de Pirajá, 54, 2º andar

www.faroisdocinema.com.br

www.caixa.gov.br/caixacultural

www.oifuturo.org.br

É com o prazer partilhado pelos apreciadores do cinema que a Oi apresenta *Faróis do Cinema - Documentário Brasileiro*, uma das mais originais mostras do gênero. Não é em vão que o documentário já foi definido como máquina de significar. Que cada espectador possa vivenciar experiências capazes de iluminar e enriquecer sua visão de mundo.

Assim, Faróis reúne revelações de cineastas brasileiros – em especial, documentaristas – sobre os filmes que inspiraram suas carreiras, estilos e olhares. Uma proposta do jornalista Carlos Alberto Mattos, que começou intimista na internet, num tom semiconfessional, e ganhou vida própria. Na mostra de agora, o público vai conhecer obras decisivas para a formação tanto de veteranos quanto de jovens documentaristas. Na *Sessão Novas Luzes*, vai ver também alguns curtas documentais recentemente premiados e conversar com seus realizadores num encontro especialmente programado para o Oi Futuro em Ipanema.

Na abertura da mostra, que terá lugar também no Oi Futuro em Ipanema, o diretor de fotografia e artista plástico Mário Carneiro será homenageado no bairro onde viveu grande parte de sua vida.

Uma lembrança que ele, certamente, aplaudiria de pé.



O Octávio amava o Nelson que amava o Vladimir que amava a Sandra que amava o Jean, mas que também amava o Dziga que era amado por muita gente. E ainda havia o Carlinhos, que amava todo mundo.

Foi assim que nos sentimos durante meses ao acessar o DocBlog do Globo Online, onde Carlos Alberto Mattos escrevia, entre centenas de posts e críticas sobre documentários, a sua série Faróis. Com ela, nos revelava o complexo processo criativo dos nossos cineastas preferidos, que misturavam paixão, conhecimento e técnica para criar filmes que ficaram eternos na nossa memória.

Contudo, queríamos saber mais, ver mais, assistir aos filmes iluminados, matar nossa curiosidade face a face com as diretoras e diretores entrevistados, procurar na palavra dita as inflexões que a palavra escrita não revelava facilmente. Então, talvez para satisfazer nossa própria necessidade, decidimos fazer dessa série Faróis uma mostra aberta ao público. E assim surgiu **Faróis do Cinema - Documentário Brasileiro**, que temos, juntamente com a Oi e a CAIXA Cultural RJ, o enorme prazer de apresentar.

MARIANA BEZERRA, PAULA ALVES, EDUARDO CERVEIRA E MARCELO LAFFITTE

O cinema é uma teia que nos enreda desde muito cedo. A condição de espectadores forja gostos, preferências e atitudes ao longo da nossa vida, muitas vezes sem que o percebamos. Se isso é verdade para qualquer pessoa, imagine para os cinéfilos de papel passado. Para aqueles que vêm a se tornar cineastas, a teia do cinema torna-se ainda mais enredante, pois ali está alguém que cria e consome numa dinâmica permanente.

Foi atrás dessa dupla circunstância que me dispus a criar, no antigo DocBlog (Globo Online), a série Faróis. Devo admitir também que tive um “farol” a me conduzir nessa direção, que foi a série Filmoteca, do blog Ilustrada no Cinema. Mas enquanto ali se pediam recomendações de cineastas e críticos, os Faróis pretendiam investigar os filmes que teriam sido fundamentais na formação do olhar dos mais importantes documentaristas brasileiros.

A ideia por trás da série era investigar as fontes de inspiração e os diálogos possíveis entre o diretor e o espectador que convivem em cada documentarista. Para tanto, valia listar todo tipo de filme: documentários ou ficções, filmes brasileiros ou estrangeiros, de qualquer duração ou formato. O resultado pretendia ser uma contribuição para melhor compreendermos o documentário brasileiro contemporâneo, suas linguagens, escolhas e motivações.

Assim, 39 diretores elegeram e fizeram breves comentários sobre seus cinco filmes-faróis. Um recorte dessa série chega agora à forma de mostra, por iniciativa de Mariana Bezerra e Marcelo Laffitte. A proposta geral tem esse caráter de diálogo: exibir filmes dos diretores consultados e também alguns daqueles apontados como faróis de sua navegação pelas águas do cinema. Da mesma forma, a cada encontro teremos dois diretores trocando impressões sobre seus filmes e seus faróis. Em pauta, sempre, quem faz e quem inspira.

Dedicamos essa mostra à memória de Mário Carneiro (1930-2007), faroleiro que não está mais entre nós, mas deixou suas belas luzes eternamente acesas sobre a paisagem do cinema brasileiro.

CARLOS ALBERTO MATTOS, CURADOR

Programação

DIA 06/09 (SEGUNDA-FEIRA)

Oi Futuro Ipanema

19h00 - Abertura – Homenagem a Mário Carneiro: Arraial do Cabo + Iberê Camargo - Pintura, Pintura + Enigma de um Dia + Criador de Imagens: Ensaio sobre o Olhar de Mário Carneiro

DIA 07/09 (TERÇA-FEIRA)

Oi Futuro Ipanema

17h00 - Ana Cristina César + Recife / Sevilha – João Cabral de Melo Neto
19h00 - Meninas

DIA 08/09 (QUARTA-FEIRA)

CAIXA Cultural

15h30 - Sessão Joris Ivens: Ana + Borinage + Nova Terra
16h00 - Vidas Secas
18h00 - Sessão Jean Rouch: Os Mestres Loucos + Eu, um Negro
18h30 - Sessão Mário Carneiro: Arraial do Cabo + Iberê Camargo - Pintura, Pintura + Enigma de um Dia + Criador de Imagens: Ensaio sobre o Olhar de Mário Carneiro

Oi Futuro Ipanema

17h00 - Pachamama
19h00 - Iracema – Uma Transa Amazônica

DIA 09/09 (QUINTA-FEIRA)

CAIXA Cultural

15h30 - O Homem com a Câmera
16h00 - Yndio do Brasil
18h00 - Corações e Mentas
18h30 - Hércules 56 + Encontro com Sylvio Back e Silvio Da-Rin

Oi Futuro Ipanema

17h00 - A Pedra da Riqueza + O País de São Saruê
19h00 - Cabra Marcado para Morrer

DIA 10/09 (SEXTA-FEIRA)

CAIXA Cultural

15h30 - Corações e Mentas
16h00 - Hércules 56
18h00 - O Homem com a Câmera
18h30 - Yndio do Brasil

DIA 11/09 (SÁBADO)

CAIXA Cultural

15h30 - Pouco a Pouco
16h00 - Ana Cristina César + Recife / Sevilha – João Cabral de Melo Neto
18h00 - Guerra dos Meninos + Até Quando?
18h30 - Meninas + Encontro com Sandra Werneck e Bebeto Abrantes

DIA 12/09 (DOMINGO)

CAIXA Cultural

15h30 - Guerra dos Meninos + Até Quando?
16h00 - Meninas
18h00 - Pouco a Pouco
18h30 - Ana Cristina César + Recife / Sevilha – João Cabral de Melo Neto

DIA 14/09 (TERÇA-FEIRA)

CAIXA Cultural

15h30 - A Pedra da Riqueza + O Homem de Aran
16h00 - O País de São Saruê
18h00 - Faces
18h30 - Cabra Marcado para Morrer + Encontro com Eduardo Coutinho e Vladimir Carvalho

Oi Futuro Ipanema

17h00 - Bahia de Todos os Santos + Os Homens Verdes da Noite
19h00 - Uma Avenida Chamada Brasil

DIA 15/09 (QUARTA-FEIRA)

CAIXA Cultural

15h30 - Faces
16h00 - Cabra Marcado para Morrer
18h00 - A Pedra da Riqueza + O Homem de Aran
18h30 - O País de São Saruê

Oi Futuro Ipanema

17h00 - Vidas Secas
19h00 - Sessão Novas Luzes: Áurea + Mãos de Outubro + Bailão + Haruo Ohara + Encontro com os realizadores

DIA 16/09 (QUINTA-FEIRA)

CAIXA Cultural

15h30 - Ociel del Toa + Nós + As 4 Estações
16h00 - Hiroshima Meu amor
18h00 - Pachamama
18h30 - Iracema – Uma Transa Amazônica + Encontro com Jorge Bodanzky e Eryk Rocha

Oi Futuro Ipanema

17h00 - Yndio do Brasil
19h00 - Hércules 56

DIA 17/09 (SEXTA-FEIRA)

CAIXA Cultural

15h30 - Pachamama
16h00 - Iracema – Uma Transa Amazônica
18h00 - Ociel del Toa + Nós + As 4 Estações
18h30 - Hiroshima Meu amor

DIA 18/09 (SÁBADO)

CAIXA Cultural

15h30 - Sessão Joris Ivens: Ana + Borinage + Nova Terra
16h00 - Vidas Secas
18h00 - Bahia de Todos os Santos + Os Homens Verdes da Noite
18h30 - Uma Avenida Chamada Brasil + Encontro com Maurice Capovilla e Octavio Bezerra

DIA 19/09 (DOMINGO)

CAIXA Cultural

15h30 - Bahia de Todos os Santos + Os Homens Verdes da Noite
16h00 - Uma Avenida Chamada Brasil
18h30 - Encerramento - Sessão Novas Luzes: Áurea + Mãos de Outubro + Bailão + Haruo Ohara



Homenagem a Mário Carneiro: Oi, Seg 6, 19h

Faltavam alguns “s” ao nome de Mário Carneiro (1930-2007). Ele foi plural no cinema (diretor de fotografia, montador, roteirista e diretor) e nas artes plásticas (pintor, gravurista). Boa parte de sua obra é composta de documentários sobre colegas artistas plásticos como Iberê Camargo, Anna Bella Geiger, Cícero Dias, Carlos Zílio, Lígia Clark e Milton Dacosta. Mas quando “pincelava” as imagens dos filmes de outros cineastas, o olho do pintor também se fundia com o do fotógrafo.

Desde a época do Cinema Novo, Mário foi um dos criadores de uma luz e uma palheta cromática autenticamente brasileiras para o celuloide. Podia ser em preto-e-branco, como **Arraial do Cabo**, **Couro de Gato**, **Porto das Caixas**, **O Padre e a Moça** e **Todas as Mulheres do Mundo**. Ou, mais tarde, em cores, como **O Mágico e o Delegado** e **Chico Rei**. Ou ainda em filmes mais recentes de seus parceiros contumazes – Paulo César Saraceni, em **Os Viajantes**, e Joel Pizzini, em **Enigma de um Dia** e **500 Almas**.

Gordos e Magros, seu único exercício na direção de ficção, é uma comédia social que ganhou três prêmios no Festival de Brasília.

De espírito afável e gosto refinado, Mário Carneiro deixou uma obra consistente e um rastro de admiração nas artes visuais brasileiras. Seus filmes-faróis foram apontados numa conversa telefônica, em 2007, poucos meses antes de seu falecimento. Por ser o único participante da série Faróis que não está mais entre nós, Mário é homenageado na noite de abertura da Mostra Faróis do Cinema – Documentário Brasileiro.

Eis aqui suas escolhas:

VIAGEM À LUA, de Méliès.

“As audácias de Méliès desde sempre me pareceram um manifesto libertário e um estímulo à inventividade”.

TABU, de Robert Flaherty e F.W. Murnau.

“Um falso documentário que não sei por quê me agradou tanto. Acho que aquele tubarão falsificado, manipulado, me indicou que era possível errar em paz no cinema. Eu, que sempre tive uma tendência à comédia, gostei de ver o erro em meio ao óbvio bem comportado”.

LIMITE, de Mário Peixoto.

“Recém-chegado da França, vi que era possível uma fotografia brasileira (Edgar Brasil) que nada ficava a dever à avant-garde europeia da época”.

A PAIXÃO DE JOANA D’ARC, de Carl T. Dreyer.

“Falconetti ficava o tempo todo sentada, mas naquele filme parece que o Cinema se levantou e ficou de pé”.

A IDADE DO OURO e **OS ESQUECIDOS**, de Luís Buñuel.

“O primeiro, pelo surrealismo muito aparente, em tom de brincadeira. O segundo, pelo radicalismo carnal e a verdade crua, hiperrealista. Buñuel foi o cineasta que mais me marcou. Me deixava arrepiado”.

OS MESTRES LOUCOS, de Jean Rouch.

“A força impressionante do filme me causou um grande impacto na primeira vez”.



Encontro com Beбето Abrantes e Sandra Werneck: CC1, Sáb 11

Bebeto Abrantes respira documentário 24 horas por dia. Cinema ou televisão, não importa. Projetos para ganhar a vida ou para satisfazer sua veia autoral, tudo vale quando o desejo de criar fala mais alto. Agora mesmo, enquanto finaliza um longa-metragem sobre a relação dos instrumentos de percussão com o samba carioca, **As Batidas do Samba**, ele percorre a rota dos editais com outro projeto sobre o samba – uma minissérie histórica, ou melhor, “uma das muitas e possíveis histórias do samba”, como prefere definir – e um doc sobre o poeta Paulo Leminski.

Ele dirige com menos frequência que a desejável, mas já associou sua tarimba na conceituação e roteirização de projetos documentais a diretores como Sandra Werneck (**Meninas, Profissão: Criança**), Dodô Brandão (no premiado **Três Antônio e um Jobim**) e Belisário Franca (na série **7 x Bossa Nova** e diversos projetos da produtora Giros). Quando dirige, Beбето não costuma errar. **Recife/Sevilha: João Cabral de Melo Neto** é um primor de cinebiografia que vai fundo na evocação poética audiovisual. **Até Quando?**, feito em 2005 em parceria com o Observatório de Favelas e o Unicef, constitui um impressionante dossiê sobre a violência contra jovens da periferia do Rio de Janeiro e de Recife. **Histórias de um Brasil Alfabetizado** relatava histórias comoventes de inserção cultural pelo país afora.

A TV tem consumido muito de sua energia criativa. Desde a época do programa **Brasil Legal**, que o teve entre seus roteiristas, Beбето vem editando e dirigindo programas para o Multishow e o Canal Futura. Para a Direct TV, escreveu e dirigiu em 2001 o doc **TV – Quem Faz, Quem Vê**, ampla reflexão sobre a televisão brasileira que passou pelo **É Tudo Verdade**. Para o Discovery Kids, realizou a minissérie **Eco-Aventura: Amazônia**.

Fazer e pensar o documentário são uma cachaca diária para esse apaixonado que se iniciou nos anos 1980 na Iser Vídeo, produtora pioneira na conexão entre expressão audiovisual e cidadania. A título de filmes-faróis, Beбето Abrantes apontou cinco obras que o deixaram “zozinho de felicidade e de desejos pelo cinema”.

São elas:

ANA CRISTINA CÉSAR – POESIA É UMA OU DUAS LINHAS E POR TRÁS UMA IMENSA PAISAGEM, de *João Moreira Salles, 1990*

“Curta-metragem sobre a vida e obra da poetisa Ana Cristina César. O esmaecimento e a abstração das belas imagens mostram como a escassez e a ausência (de material de arquivo e da própria personagem do doc) podem ser um poderoso aliado do documentarista”.

VERDADES E MENTIRAS (F FOR FAKE), de *Orson Welles, 1974*

“Falso ou verdadeiro? Ficção ou documentário? Autor ou falsário? Pouco importa... O que vale é a obra, a construção da linguagem, o filme visto, a história contada”.

VARIAÇÕES SOBRE GLENN GOULD, de *François Girard, 1993*

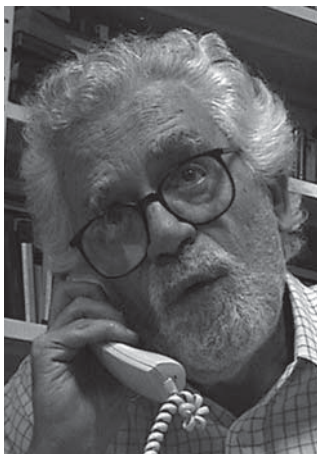
“Uma biografia da vida e obra de Glenn Gould, construída com peças audiovisuais de tamanho, formato, tempo e linguagem bastante distintas. Esse filme abriu minha forma de entender e construir cinebiografias”.

SALVE O CINEMA, de *Mohsen Makhmalbaf, 1995*

“O cineasta iraniano explora a relação entre diretor e ator, misturando ficção e documentário. Perversidade, amor, encantamento, provocação, afinidade, todos esses elementos são discutidos no filme, a partir de um simples teste de elenco”.

O PAÍS DE SÃO SARUÊ, de *Vladimir Carvalho, 1966-1970*

“Me encantou a forma como o diretor e sua equipe, delicadamente e no tempo certo, se aproximam mais e mais do universo sertanejo do filme e, aos poucos, vão ‘entrando’ nele. Literalmente: aos poucos, eles saem de trás das câmeras e se incorporam às imagens do filme”.



Encontro com Eduardo Coutinho e Vladimir Carvalho: CC1, Ter 14

Há quem pense que Eduardo Coutinho está desenhando uma inflexão de rumo em sua obra que vai levá-lo de volta à ficção. Depois de **Jogo de Cena** e **Moscú**, a proximidade com o teatro e a representação o colocam numa fronteira estimulante, a partir da qual tudo se pode esperar.

Coutinho consagrou-se algumas vezes em sua carreira. Primeiro, com **Cabra Marcado para Morrer**, um marco do documentário brasileiro. Depois, com a retomada do percurso a partir de **Santo Forte** (1997). Mais adiante, com o exercício enredante de **Jogo de Cena**.

No entanto, bem antes de cair na real, Coutinho surfava na dramaturgia inventada. E também no teatro. Um de seus primeiros trabalhos foi dirigir uma montagem da peça **Pluft, o Fantasminha** em Paris. Foi assistente de direção de Amir Haddad e por pouco não dirigiu o segundo longa do CPC, baseando-se em poemas sociais de João Cabral de Mello Neto. Mais tarde, colaboraria nos roteiros de **A Falecida** e **Garota de Ipanema**, de Leon Hirszman, **Os Condenados**, de Zelito Viana, **Lição de Amor**, de Eduardo Escorel, e **Dona Flor e seus Dois Maridos**, de Bruno Barreto. Como diretor de ficção, assinou o episódio **O Pacto** do longa **ABC do Amor** e os longas **O Homem que Comprou o Mundo** e **Faustão**.

Coutinho assegura que o exercício da ficção ensinou-lhe a detectar o teor ficcional dos documentários, uma espécie de dramaturgia difusa que responde pelo fascínio de filmes como **Edifício Master** e **O Fim e o Princípio**. Nos cinco títulos apontados como seus faróis, não é de surpreender que três sejam de ficção. E com lugar até para faroeste de John Wayne.

Ao lado, a transcrição literal do seu texto datilografado e enviado por fax. É como se o ouvíssemos falando:

“Filmes, sem faróis. Primeira impressão – choque pós. Em geral, sem revisão (desilusão? ou não). Sem ordem de preferência (ou choque)

SHOAH, de *Claude Lanzmann*.

1983, quando vi. Diretor de um só filme, provavelmente (que preste). Se julga dono do assunto, Holocausto, impõe regras. Deve ser um chato. Mas o filme é extraordinário. Tudo no presente, sem arquivos. Importância do mecanismo de morte no atacado: problemas de gestão industrial. Nove horas de duração. Sofrimento e recompensa.

A MORTE DE EMPÉDOCLES, do (*Jean-Marie Straub* e *Danièle Huillet*).

Visto na Cinemateca do MAM. Som direto, colinas do Sul da Itália, atores vestidos a caráter, texto clássico (Hölderlin). Sem voz off. Palavras, vento. Tragédia seca, esta sim.

FACES, (*de John Cassavetes*).

Visto em 1968. Deslumbramento. Revisto 15 anos depois. Impossível corresponder à primeira impressão, filme recriado na cabeça, impossível. Quando vir pela terceira vez, creio que o filme aguenta e crescerá.

AS I WAS MOVING AHEAD OCCASIONALLY I SAW BRIEF GLIMPSES OF BEAUTY (checar o título), de *Jonas Mekas*.

Visto em VHS, péssimo estado, em Buenos Aires, há alguns anos. Filme-diário para acabar com os filmes-diário. Testamento, final do último milênio. Nada acontece. Letreiros. Piano e a voz do Mekas reportando-se ao passado das imagens. Nenhum som direto. Planos de 2, 5 segundos. Câmara não para. Luz e focos pras picas. Dura quase cinco horas, acho – tem que ser visto inteiro, de uma vez – se você aguentar. Tempo que passa, passou.

RIO BRAVO, de *Howard Hawks*.

Visto em 1959, por aí. A elegância das pessoas (homens) que andam. Se mexem. Gestos. Andam. Vivem. Uma escarradeira. Cinema clássico, além dele.

Nota – Escrito, sem revisão, em 5 minutos. Olivetti, lettera 22.”



Encontro com Eryk Rocha e Jorge Bodanzky: CCI, Qui 16

Rocha que Voa, Intervalo Clandestino e Pachamama constituem, na concepção do seu diretor, uma trilogia sobre o imaginário, a política e a multidão. No primeiro, sua bem-sucedida estreia na direção, Eryk Rocha revisitou as ideias de seu pai, Glauber Rocha, em particular aquelas voltadas para o cinema e as utopias da América Latina. No segundo, colheu o pensamento bruto de cidadãos comuns sobre o exercício da política e das eleições. No terceiro, escaneou impressões a respeito da nova esquerda sul-americana, articulando-a com mitos ancestrais do continente.

Filho de Glauber e da cineasta e artista plástica Paula Gaitán, Eryk cresceu sob os eflúvios dessa forte ascendência. Participou de um grupo de vídeo experimental na Colômbia e estudou cinema na Escola de San Antonio de los Baños, em Cuba. Cinema, política e poesia – eis o tripé sobre o qual se sustenta o seu trabalho. A experimentação tampouco lhe é estranha, como demonstram o curta **Quimera** e o “épico musical” dionisíaco de cinco horas feito a partir da montagem de **Os Sertões – A Luta 2**, de José Celso Martinez Corrêa.

Junto com sua mãe, Eryk também é curador da mostra anual Cinema que Pensa, que pretende discutir a fundo o cinema autoral de hoje e de ontem. Em breve ele vai tirar do forno um primeiro longa de ficção, **Transeunte**. Através da solidão de um recém-aposentado no Rio de Janeiro, o diretor vai voltar a um de seus temas prediletos, o anonimato. **Transeunte** será, segundo ele, “um filme de rua, com a cidade incorporada no jogo cênico”.

Quando relacionou seus filmes-faróis, Eryk Rocha fez questão de ressaltar que eles foram escolhidos “com o impulso e o fluxo do momento”.

Aí estão:

O HOMEM COM A CÂMERA, de *Dziga Vertov*

“Pela revolução e a novidade que realiza no coração da linguagem cinematográfica, abrindo novas perspectivas para o cinema!”

OCIEL DEL TOA, de *Nicolás Guillén Landrián*

“Por acreditar na potência das imagens e da poesia (não verbal) e o desejo de falar da solidão do ser humano dentro de um contexto político-social. Um filme hiperpolítico sem falar diretamente de política. (Isso tudo num filme de 16 minutos)”.

IRACEMA, UMA TRANSA AMAZÔNICA, de *Jorge Bodanzky e Orlando Senna*

“Pela simbiose que realiza entre documental e ficção, desfronteirizando esses aparentes limites.”

MEMÓRIAS DO SUBDESENVOLVIMENTO, de *Tomás Gutiérrez Alea*

“Talvez seja um dos grandes documentários da história sendo um filme de ficção”.

AS QUATRO ESTAÇÕES, de *Artavazd Pelechian*

“Por acreditar num cinema épico e epidérmico. De fluxo poético, sanguíneo, cósmico, inventando novas relações espaciais-temporais entre imagem e música através da montagem. Um poema do que é SER E ESTAR no mundo. Em qualquer mundo, em qualquer época”.



Encontro com Jorge Bodanzky e Eryk Rocha: CC1, Qui 16

Quando o extinto DocBlog publicou a primeira série dos Faróis, Jorge Bodanzky não encontrou tempo para atender ao pedido de participação. No entanto, o seu clássico **Iracema – uma Transa Amazônica**, co-direção de Orlando Senna, foi o terceiro filme mais citado por seus colegas documentaristas, só perdendo para **Cabra Marcado para Morrer** e o vertoviano **O Homem com a Câmera**. Filme seminal no cinema brasileiro moderno, **Iracema** também sintetizava o universo do cinema de Bodanzky: a Amazônia, o filme-viagem, a discussão da realidade brasileira e a interação entre fato e ficção.

Bodanzky formou-se entre as trincheiras de resistência à ditadura militar, a frequência a cinematecas e o Novo Cinema Alemão, onde estudou com Alexander Kluge. De volta ao Brasil, fez a câmera de vários filmes do Cinema Marginal e viajou pelo mundo fotografando docs da TV alemã. Com **Iracema**, **Gitirana** (outra co-direção de Orlando Senna) e **Jari**, frequentou o circuito alternativo dos anos 1970 e forneceu subsídios para as lutas em defesa da Amazônia. **Os Mucker** (1979), filme sobre a Canudos do Sul brasileiro, fez avançar ainda mais sua busca de uma síntese entre documento e representação. **O Terceiro Milênio** (1982), por sua vez, foi o primeiro grande filme sobre uma campanha eleitoral feito no Brasil – no caso, do folclórico político ambientalista Evandro Carreira na região do Rio Solimões.

Cada filme de Bodanzky é uma viagem, como se pode ver em sua biografia escrita com Carlos Alberto Mattos para a Coleção Aplauso (**O Homem com a Câmera**, 2006). Viagens que também o levam a mídias pouco navegadas. Ele foi o primeiro cineasta brasileiro a “dirigir” CD-ROMs na década de 1990. Sua escala seguinte foi na internet através do Projeto Navegar Amazônia. Hoje, se não o encontrarmos em sua casa em São Paulo, ele certamente estará singrando rios amazônicos a bordo de um barco equipado com câmeras, ilha de edição e computadores plugados na grande rede. O Navegar promove oficinas de audiovisual para as populações ribeirinhas, tratando de conectá-las com o mundo e divulgar o que elas pensam da vida e da cultura da floresta. Todo esse material deságua no site da TV Navegar.

No **Meio do Rio**, entre as **Árvores** e **Pandemonium**, seus dois últimos trabalhos, dão mostras de fidelidade aos temas da sustentabilidade e da cultura compartilhada, seja na Amazônia ou numa apocalíptica São Paulo.

A seguir, os comentários do realizador a respeito dos seus filmes-faróis:

“Ainda muito jovem, assistia às projeções da Sociedade Amigos da Cinemateca, no antigo Museu de Arte Moderna, na Rua 7 de Abril, em São Paulo. Os filmes eram sempre apresentados pelo Paulo Emilio Salles Gomes ou pelo Jean-Claude Bernardet em verdadeiras aulas de cinema. Nesse contexto, vi dois filmes cujas imagens não me saem da cabeça, apesar de só tê-los visto uma vez. São eles:

PATHER PANCHALI (1955),

filme de estreia do indiano Satyajit Ray, verdadeira obra-prima, conhecido no Brasil como **A Canção da Estrada**.

ARUANDA (1960), de Linduarte Noronha.

A força e a simplicidade das imagens desses dois filmes me deram a sensação de que aquilo também eu poderia fazer, se me dedicasse ao cinema.

HIROSHIMA, MON AMOUR (1959), de Alain Resnais,

que foi também o filme que o Paulo Emílio exibiu durante um semestre inteiro, no Curso de Apreciação Cinematográfica que ministrou na UNB em 1964 e que me fez aprender a ver cinema.

O BANDIDO GIULIANO (1962), de Francesco Rosi,

que me abriu os olhos para a fotografia.

FATA MORGANA (1971), de Werner Herzog,

que, de certa forma, me preparou para o projeto do **Iracema**.

Os filmes de *Jean Rouch* e *John Cassavetes*, pelo tratamento realista e pela forma de contar a história.

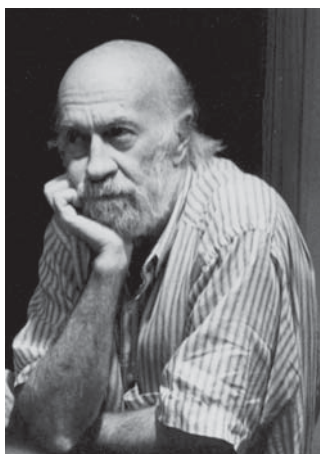
A ÁRVORE DOS TAMANCOS (1978), de Ermanno Olmi.

O visual realista numa história completamente fantasiosa me fascinou. É o tipo de filme cujas imagens reaparecem, num processo inconsciente, sempre que estou pensando um roteiro, desenvolvendo um projeto.

E, mais recentemente,

VIAJO PORQUE PRECISO, VOLTO PORQUE TE AMO (2009), de Marcelo Gomes e Karim Aïnouz.

À primeira vista me pareceu escandalosamente simples. Mais tarde, com o filme trabalhando na minha cabeça, me dei conta de como é profundo e completo. Foi uma chacoalhada na minha alma. Deu vontade de filmar o quanto antes”.



Encontro com Maurice Capovilla e Octávio Bezerra: CC1, Sáb 18

Na franqueza e realismo com que recordou suas memórias para o livro **Maurice Capovilla – A Imagem Crítica**, de Carlos Alberto Mattos (Coleção Aplauso), o popular Capô embute uma modéstia às vezes exagerada. Uma modéstia que não contempla o papel importante que ele teve nas definições de rumo do cinema brasileiro moderno.

Capovilla foi um dos primeiros a encarar o desafio de fazer som direto no Brasil. Em **Viramundo**, de Geraldo Sarno, por exemplo. Da mesma forma, foi pioneiro em enxergar o potencial de diálogo da TV com o cinema, propondo, entre outras coisas, a realização dos primeiros telefilmes brasileiros, em 1980. Dois anos antes, havia radicalizado a junção de documentário e ficção no antológico Globo Repórter **O Último Dia de Lampião**.

Ex-jogador juvenil do Guarani de Campinas, ele celebrou também o casamento entre cinema e futebol ao longo de toda a carreira. A começar pelo clássico **Subterrâneos do Futebol**, produzido por Thomaz Farkas em 1964, uma das experiências inaugurais do cinema-verdade entre nós. Mais tarde, a bola rolaria em diversos docs e programas de TV, o último dos quais foi a série documental **No País do Futebol**, dirigida para o Canal Brasil em 2005-2006.

O caminho que trilhou até o cinema passou pelo jornalismo, pela cinemateca, pela militância política e pela boemia paulistana. Resultado: filmes críticos e inovadores como **Bebel**, **Garota Propaganda**, **O Profeta da Fome**, **O Jogo da Vida e Loucura**, seu kafkiano episódio do longa coletivo **Vozes do Medo**.

Grande parte da obra de Capovilla é virtualmente “invisível”, ou porque relegada aos arquivos das TVs Globo, Bandeirantes e Manchete, ou porque feita na transmissão de ensinamentos a sucessivas gerações de jovens cineastas. Ele foi professor da Universidade de Brasília, da Escola de Cinema e TV de Cuba e do Instituto Dragão do Mar, em Fortaleza. A experiência se repete agora no Acre. Desde 2004, juntamente com sua mulher, a produtora e montadora Marília Alvim, ele ajuda a forjar o espírito do Núcleo de Produção Digital da Usina de Arte João Donato, em Rio Branco.

No segundo semestre de 2007, decolou finalmente o curso de cinema e vídeo da Usina, que vai se transformando, nas palavras de Capô, em “um ponto de referência para a experimentação de linguagens e intercâmbio com as culturas indígena e latino-americana”.

Quando apontou seus filmes-faróis, a lista veio precedida de um puxão de orelha:

“Coisa que não se faz com amigos é pedir para escolher cinco filmes em tantos aos quais a gente se ligou através dos tempos... É impossível, mas aí vão eles, porque estão profundamente ligados à minha vida. Foram peças fundamentais da minha formação de cineasta e cidadão.

Pela ordem de visão:

O HOMEM E A CÂMERA, de *Dziga Vertov*

Minha primeira aula de cinema documentário, visto durante o Festival Russo e Soviético que a Cinemateca Brasileira organizou em São Paulo, no início dos anos 1960.

TIRE DIÉ, de *Fernando Birri*

O grande impacto do cinema direto veio com Birri e se transformou na base da minha formação de documentarista – e por ser também o filme-chave para se entender o cinema latino americano.

VIDAS SECAS, de *Nelson Pereira dos Santos*

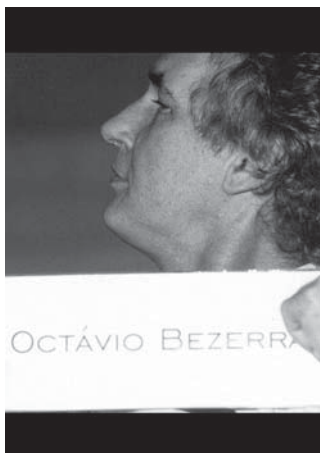
Com esse filme surge o entendimento de que a ficção e a realidade se justapõem, se entrelaçam e se transformam na matéria-prima de uma linha fundamental do cinema brasileiro.

DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL, de *Glauber Rocha*

Este filme abre a segunda vertente fundamental que consolida um cinema transgressor e visionário, sem o qual não existiria uma visão multifacetada de um país fundado nas diferenças de etnias e culturas.

LA HORA DE LOS HORNOS, de *Fernando Solanas*

O começo e o fim de uma visão crítica da América Latina e por isso mesmo o testamento premonitório de uma geração criadora e revolucionária que perdeu o seu destino”.



Encontro com Octávio Bezerra e Maurice Capovilla: CC1, Sáb 18

Foi com docs potentes e comprometidos com o social que Octávio Bezerra construiu sua reputação de produtor e diretor independente. Ele vinha de muitas funções técnicas, aparições como ator (em **El Justicero**, de Nelson Pereira dos Santos, por exemplo) e investidas de produtor em filmes nacionais e estrangeiros quando estreou na direção, em 1979, com os curtas **A Lenda do Quatipuru** e **Amerika**. Este último era um doc de fotos fixas sobre a situação política da América Latina. Com o premiado média-metragem **A Resistência da Lua** (1985), abordou pela primeira vez a cultura negra, defendendo a preservação do Pelourinho.

Seus docs de longa metragem repercutiram com vigor ao serem lançados. **Memória Viva** (1987) discutia a “identidade nacional” a partir da obra de Aloísio Magalhães. **Uma Avenida Chamada Brasil** (1988) foi o resultado de seis meses que Bezerra e o fotógrafo Miguel Rio Branco passaram circulando num carro com rádio de polícia e flagrando assaltos, batidas policiais, crimes de esquadrões da morte e a vida dos moradores à margem da avenida. Não sem algum sensacionalismo, este filme foi um dos que anteciparam toda a atenção do cinema brasileiro para o tema da violência urbana.

Halting the Fires (Parem as Queimadas) e **Life in Debt (A Dívida da Vida)**, realizados originalmente para TVs britânicas, ampliaram o espectro de grandes temas na filmografia de Bezerra. Já **O Lado Certo da Vida Errada** (1992) foi uma tentativa problemática de conciliar doc e fic numa mesma receita de filme social. Em 2004, ele falou do “cinema invisível” que existe no país através de **Cinejornada**, um doc sobre a Jornada de Cinema da Bahia.

Octávio Bezerra é o tipo de cineasta que se pauta mais pela emoção que pelo cálculo na hora de filmar. Seu cinema pode ser irregular, impuro e pouco afeito às convenções da narrativa clássica, mas tem energia, um saudável destemor ao erro e a força de um engajamento sincero. Seus filmes-faróis refletem uma curiosa pluralidade e estão marcados por recordações pessoais do realizador:

RIO 40 GRAUS, de Nelson Pereira dos Santos (1955)

“Era a descoberta da questão social levada ao cinema. Trazia a novidade do personagem popular como protagonista”.

ANA, de Alex Viany (episódio do longa internacional **Rosa dos Ventos**, produzido por Joris Ivens em 1957)

“Vi com o Cosme Alves Netto, na Cinemateca do MAM-RJ. A forma de narrativa não clássica me impressionou prontamente”.

MORRER EM MADRI, de Frédéric Rossif (1963)

“Assisti a esse filme no dia da morte de Franco. Eu estava fazendo uma exposição de fotos no México. Foi inesquecível”.

HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS, de Fellini, Malle e Vadim (1968)

“Como jovem pintor, eu estava em Roma na época. Era amigo da figurinista Mimina Roveda, que por sua vez era amiga de Fellini. Ela me levou à filmagem. Lembro-me de Giuseppe Rotunno chegando ao bar e dizendo a Fellini: ‘Maestro, la luce è pronta’. E os dois trocavam de lugar”.

SALÒ, de Pier Paolo Pasolini (1975)

“Vi numa memorável sessão no cineclube da ABI, durante a ditadura (o filme estava proibido no Brasil). Passei a noite em claro por causa da pujança e da violência do que tinha visto na tela”.

Quero incluir ainda três curtas do cubano Santiago Alvarez: **Now!**, **LBJ** e **Hasta La Victoria Siempre**.

“São filmes de alta eficácia política e que também funcionam a nível de autoria quando desmontam a linguagem do documentário”.



Encontro com Sandra Werneck e Bebeto Abrantes: CC1, Sáb 11

A diretora de **Pequeno Dicionário Amoroso** e **Meninas** integra um bom grupo de cineastas brasileiros que transitam com segurança entre a ficção e o documentário. Aliás, foi no cinema do real que sua carreira germinou, nos anos 1980, com os médias **Ritos de Passagem**, sobre travestis, **Pena Prisão**, doc dramatizado sobre o cotidiano de mulheres presidiárias, **Geleia Geral**, manifesto irreverente em defesa da cultura popular e contra o descaso e o paternalismo do Estado, e **Damas da Noite**, sobre prostituição.

Em 1991, **Guerra dos Meninos** inaugurou no seu cinema uma temática que permanece viva até hoje. A esse filme pioneiro sobre o extermínio de crianças nas ruas brasileiras, premiado no Festival de Amsterdã, seguiu-se **Profissão Criança**, sobre trabalho infantil.

Pequeno Dicionário Amoroso, Amores Possíveis (melhor filme latino-americano no Festival de Sundance) e **Cazuza – O Tempo não Para**, realizado a quatro mãos com Walter Carvalho, combinaram sucesso de crítica e de público, fazendo de Sandra uma legítima cineasta popular. Mais recentemente, o doc **Meninas**, sobre gravidez precoce, e o fic **Sonhos Roubados** evidenciaram seu talento na continuidade entre os dois modos de cinema.

Para sua lista de Faróis, Sandra apontou e comentou cinco docs que incorporam ou discutem elementos de representação, ao mesmo tempo em que põem em xeque o estatuto do documentário.

São eles:

JOGO DE CENA - *Eduardo Coutinho*

“**Jogo de Cena** não pode se enquadrar em nenhuma nomenclatura “pré-**Jogo de Cena**”. Coutinho criou com o filme uma categoria própria de cinema. Um palco de teatro vazio, a câmera de frente para a plateia e o ator de frente para a câmera. **Jogo de Cena** fala da construção da cena, da atuação e da representação, do ato de encenar e dirigir. Coutinho faz uma linda homenagem ao cinema, à arte e à vida”.

O HOMEM COM A CÂMERA - *Dziga Vertov*

“**O Homem com a Câmera** é um primoroso trabalho de montagem. Vertov amplia o sentido de cada imagem através dos jogos de montagem que constrói no filme, sendo ainda hoje, quase 100 anos mais tarde, uma obra inovadora e inventiva”.

SANTIAGO - *João Moreira Salles*

“João Moreira Salles precisou de 13 anos de distanciamento para recriar as imagens que filmara no passado. **Santiago** é um filme sobre relações e transformação; a de João com seu antigo mordomo, com sua casa de infância e com o documentário. Aquelas antigas imagens filmadas em preto e branco se tornam o material que permite a João ir ao encontro da sua memória e a partir dela criar uma corajosa reflexão sobre os métodos e formas de se fazer cinema”.

SALVE O CINEMA - *Mohsen Makhmalbaf*

“**Salve o Cinema** é um filme sobre as pessoas que querem estar no cinema e também sobre pessoas que desejam se tornar imagens. Um filme extremamente contemporâneo nos dias de hoje. Através dos testes de elenco para um filme que nunca será realizado, Makhmalbaf fala sobre o sonho, o desejo, o Irã e o cinema. Um filme que se constrói no passado, reinventando o futuro”.

POUCO A POUCO - *Jean Rouch*

“Nesse filme, Rouch inverte a relação entre a Europa e a África, entre a colônia e o colonizador, de uma maneira lúdica e inventiva. Um nigeriano caminha pelas ruas de Paris interpelando os franceses com uma série de perguntas sobre seus hábitos e origens. Avalia suas vestimentas, suas arcadas dentárias, mede seus crânios, da mesma forma como foi feito na África pelos franceses tempos atrás. O filme é uma autocrítica à etnologia realizada por um autor que possui grande intimidade com o assunto. **Pouco a Pouco** é um filme provocativo e lúdico, um jogo que altera nossas perspectivas, invertendo pontos de vista usuais”.



Encontro com Silvio Da-Rin e Sylvio Back: CC1, Qui 09

Da geografia do cinema há muito tempo Silvio Da-Rin já conhece todas as veredas. Cineclubista, foi um dos primeiros presidentes da Federação de Cineclubes. Técnico requisitadíssimo, assinou o som de mais de 150 filmes. Documentarista, foi um dos fundadores da mitológica Corcina - Cooperativa de Realizadores de Cinema Autônomos (anos 1970) e realizou filmes memoráveis como os curtas **Fênix** (1980) e **Príncipe do Fogo** (1984), e os longas **Igreja da Libertação** e **Hércules 56**, duas das melhores reflexões sobre frentes de resistência à ditadura. Militante da classe, foi dirigente da Associação Brasileira de Documentaristas e da Associação Brasileira de Cineastas. Pesquisador e professor, publicou um livro que virou referência para estudos do documentário no Brasil, **Espelho Partido: Tradição e Renovação do Documentário Cinematográfico** (Azougue, 2004).

Em sua gestão à frente da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, Da-Rin aprofundou programas criados por Orlando Senna e desenvolveu novos, visando estimular a produção independente para a TV e promover a inclusão, regionalização e capacitação no setor. Atualmente, ocupa uma gerência-executiva na TV Brasil com as metas de inserir os produtos da televisão pública nos mercados internacionais, construir parcerias e co-produções com o exterior e ainda desenvolver a política de comercialização dos produtos, selos e marcas.

Mesmo com muito trabalho, ele agora encontra algum tempo para retomar o projeto de Os Sertanistas, que interrompeu ao ser convidado para a SAv. O documentário vai abordar a atualidade do sertanismo no Brasil, principalmente após a recente mudança de consciência a respeito do contato com a sociedade não-índia. Na região do alto rio Envira, no Acre, vai filmar a volta do sertanista José Carlos Meirelles, figura central do doc, à região etno-ambiental criada por ele e onde ainda existem cerca de 500 índios isolados.

Leia a seguir os comentários de Silvio Da-Rin a respeito dos seus filmes-faróis:

“Identificar cinco filmes-faróis não é tarefa fácil. Começo o retrospecto pelo filme que me despertou o sentimento de que o Brasil podia e devia ser levado à tela. Eu tinha 13 anos quando, no cinema Copacabana, assisti **Gimba - Presidente dos Valentés**, de 1963.

Foi a única incursão cinematográfica do diretor teatral Flávio Rangel, baseado em uma peça de Gianfrancesco Guarnieri. Narra a história de um fugitivo da prisão que se esconde no morro da Mangueira. Eu

ainda não havia assistido **Rio 40 Graus**. As imagens da favela e o som do samba me arrebataram como uma autêntica novidade. Nunca voltei a assistir **Gimba**, mas ao longo da vida fui reencontrando atores e membros da equipe, com quem convivi em sets de filmagem. O assistente de direção foi Sergio Sanz e o fotógrafo, Mario Carneiro, assistido por Fernando Duarte, trinca que tinha acabado de rodar **Porto das Caixas**, de Paulo César Saraceni. Paulo Emilio Salles Gomes fazia uma ponta. Com razão, **Gimba** não costuma figurar nas antologias - não é um grande filme. Mas pelo menos um par de planos ficaram para sempre gravados na minha retina e têm caráter documental de um Rio de Janeiro das favelas, que eu conheci primeiro através do cinema.

Nos anos seguinte, quatro filmes exerceram sobre mim o efeito fulgurante de um farol:

VIDAS SECAS, de Nelson Pereira dos Santos

OS FUZIS, de Ruy Guerra

A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA, de Roberto Santos, e

TERRA EM TRANSE, de Glauber Rocha.

Impossível separá-los ou hierarquizá-los. Formam um poderoso conjunto que consolidou a vocação que o filme de Flávio Rangel havia despertado.

Me tornei cineclubista aos 16 anos e, ao completar 18, só os filmes que projetei no Cineclubes Canal e os que assisti na Cinemateca do MAM e no Paissandu já passavam de mil. Naquele período de cinefilia compulsiva, as sessões programadas pelo saudoso Cosme Alves Neto costumavam ser precedidas de um curta-metragem. Naquelas telas, outros faróis se acenderam para mim, entre eles.

ARRAIAL DO CABO, de Paulo César Saraceni e Mário Carneiro

MAIORIA ABSOLUTA, de Leon Hirszman, e

VIRAMUNDO, de Geraldo Sarno.

Demorei alguns anos para assistir a um dos mais inventivos filmes de todos os tempos,

O HOMEM DA CÂMERA, realizado em 1928. Esse ensaio de Dziga Vertov parte do cotidiano em uma grande cidade, Moscou, e deriva para um exercício essencialmente anti-ilusionista, em que as camadas de constituição da obra - filmagem, montagem, exibição - se desdobram e metamorfoseiam, provocando estranhamento e convocando a plateia a uma permanente atividade cognitiva. Inesgotável e impossível de resumir em suas possibilidades estéticas, **O Homem da Câmera** continua sendo, para mim, a referência mais luminosa do documentário que não se contenta em ser “o espelho do mundo”, mas, ao contrário, busca uma escritura documental não realista, que nos estimula a produzir os múltiplos sentidos do filme.

Meu amigo Manfredo Caldas uma vez me disse que o documentário brasileiro se divide em duas fases: AC e DC - antes e depois de **CABRA MARCADO PARA MORRER**, de Eduardo Coutinho.

Nos últimos 25 anos, muita tinta já foi bem empregada para dissecar esse magnífico filme. Poucas obras conseguiram extrair tanta força dos efeitos da história política brasileira recente, em particular os efeitos do golpe civil-militar de 1964, sobre seus personagens. A diversidade de recursos empregada por Coutinho e a transformação de uma família nordestina ao longo do processo de filmagem fazem com que **Cabra** ocupe lugar central na filmografia documental brasileira. Um poderoso farol, que sempre continuará nos influenciando.”



Encontro com Sylvio Back e Silvio Da-Rin: CC1, Qui 09

Um dos mais importantes e provocativos documentaristas brasileiros, Sylvio Back concluiu recentemente mais uma investida no cipoal de mitificações da História do Brasil. Dessa vez, foi a Guerra do Contestado, que empapou de sangue o sertão catarinense entre 1912 e 1916. **O Contestado – Restos Mortais** já foi exibido no *É Tudo Verdade* e no Festival de Gramado. Lançamento comercial, só em 2011. O documentário incorpora as participações de médiuns espíritas à tessitura de história oral e depoimentos acadêmicos sobre o episódio – que, aliás, já havia sido objeto de um filme de ficção de Back, **A Guerra dos Pelados** (1971), sua maior aproximação à vertente glauberiana do Cinema Novo.

Outros acontecimentos já foram desbastados pelas lentes de Sylvio Back. **República Guarani** pôs em xeque a missão civilizatória dos jesuítas junto aos índios brasileiros. **Guerra do Brasil** confrontou os discursos de vencedores e vencidos da Guerra do Paraguai. Revolução de 30 tentou provar que nunca houve uma **Revolução de 30**. **Índio do Brasil** denunciou a expropriação da imagem do índio pelo audiovisual. **Rádio Auriverde**, seu filme mais polêmico, ousou retratar a participação dos pracinhas na II Guerra Mundial como aventura tragicômica em vez de propriamente uma saga heróica.

Em matéria de linguagem, Back é um exímio articulador de materiais de arquivo e usa como poucos a dramaturgia da entrevista, especialmente na sua edição. Vez por outra, experimenta ilustrações gráficas que podem ou não enriquecer sua gramática. Em curtas, já filmou outras sessões espíritas (**Auto-Retrato de Bakun**) e um recital minimalista da poeta Helena Kolody (**A Babel da Luz**).

Agora em setembro ele lança pela Topbooks um livro com sete contos de sua autoria sobre a guerra do Paraguai, incluindo sua faceta de tragicomédia. No mês seguinte, inicia a pré-produção do longa doc **O Universo Graciliano**, sobre o autor de **Angústia**, livro que Back também pretende transpor para as telas com o acréscimo de um artigo definido: **A Angústia**.

Sobre seus filmes-faróis, Back tem a palavra:

“São inúmeros os filmes que influenciaram o meu cinema, ou que não me abandonam a retina, a mente e o ventre. Todos eles trespassam indelevelmente a minha paixão de cinéfilo. Diria que é uma lista incomensurável, ainda que à medida dos anos, ironicamente, ela venha

diminuindo. Como se o cinema estivesse envelhecendo comigo... Uma sensação do fotograma já visto é inelutável.

Mas, ao mesmo tempo, na contramão dessa percepção, digamos, existencial, novos inventores da narrativa cinematográfica (como Angelopoulos, Lynch, Von Trier, Kitano, Sokúrov, Kar-Wai, Kusturica) surgem e fundem a fronteira entre arte e entretenimento, tornando-a cada vez menos nítida e urgente.

Quem sabe tem sido essa a razão, ante as novas mídias como o digital, a Internet, o celular, que lhe garantem o permanente viço e empatia e, portanto, a sua incólume sobrevida. Nada há que supere o encantamento de ver (e ouvir) um filme projetado numa tela de quinze metros.

Em ordem alfabética, pois como dizer que um é mais significativo do que o outro se todos direta ou indiretamente continuam latejantes no meu subconsciente estético e moral?

CORAÇÕES E MENTES (1974), de Peter Davis

A melhor síntese entre cinema e jornalismo jamais realizada. E inigualável como libelo sobre o horror à guerra.

HITLER, UM FILME DA ALEMANHA (1978), de Hans-Jürgen Syberberg

Original mix entre cinema, rádio, música, teatro, marionetes, sem narrador, o doc desvela as raízes ideológicas e estéticas do nazi-fascismo. Uma obra-prima do cinema de colagem/bricolagem.

IT'S ALL TRUE (*É Tudo Verdade*, 1942), de Orson Welles

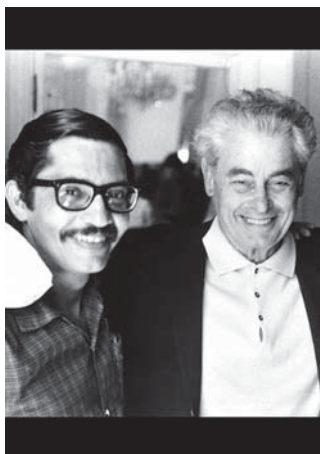
Depois deste tristemente belo **It's All True**, filme selvagem, mas cheio de inocência e humanidade, Welles nunca mais foi o mesmo. Mas ali deitou as sementes do moderno cinema brasileiro.

LE CHAGRIN ET LA PITIÉ (1970), de Marcel Ophüls

Polêmico filme que põe de joelhos uma nação inteira: uma antológica expiação pública através dos mil olhos e vozes do cinema.

NUIT ET BROUILLARD (*Noite e Neblina*, 1955), de Alain Resnais

Toda a genialidade que Resnais acaba revelando depois na ficção (em **Hiroshima Mon Amour** e **O Ano Passado em Marienbad**) nasce com esta brilhante, ainda que cruel, metáfora sobre o esquecimento.



Vladimir e Joris Ivens em 1969

Encontro com Vladimir Carvalho e Eduardo Coutinho: CCI, Ter 14

Primeiro, como assistente e roteirista (não creditado) de **Aruanda**, co-diretor de **Romeiros da Guia** e diretor de **O País de São Saruê**, **A Bolandeira** e **Pedra da Riqueza**, ele ajudou a criar o célebre ciclo do documentário paraibano. Depois, com **Vestibular 70** e como professor de mais de uma geração na Universidade de Brasília, foi central na formação de um primeiro cinema brasileiro. Com vocação para semente, Vladimir Carvalho estende sua lavoura por cinco décadas de documentarismo no país.

Seus personagens tanto podem ser os humildes vaqueiros do Nordeste como figuras notáveis que povoaram sua imaginação de santos guerreiros: Teotônio Vilela, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Oscar Niemeyer. Avesso à observação indiferente ou ao didatismo cientificista, optou pelo documentário politicamente afirmativo, atravessado pela flecha do afeto. A atenção ao trabalho e às artes do povo, submetidos à exploração capitalista ou alimentados pela vontade utópica, é a marca de grande parte de sua obra.

Após a mudança para Brasília, em 1970, Vladimir deu um jeito de continuar “nordestino”, fosse nos temas (**Conterrâneos Velhos de Guerra**, investigação do avesso do épico juscelinista), fosse na maneira de se aproximar deles (**Mutirão**, **Quilombo**, **Vila Boa de Goyaz**). A vida na capital, já abordada também em **Barra 68**, volta agora à pauta do cineasta em **Rock Brasília** (título de trabalho). Esse novo filme será a retomada de um material que ele gravou em vídeo na década de 1980 com as bandas Plebe Rude, Capital Inicial, Paralamas do Sucesso, Legião Urbana e Detrito Federal. Os primórdios do rock-DF serão revistos como aventuras de uma juventude instruída, sufocada e em busca de sentido para o resto de suas vidas. Com isso, Vladimir dará por concluída uma trilogia de longas sobre Brasília.

A trajetória do diretor está contada por ele mesmo no livro **Vladimir Carvalho - Pedras na Lua e Pelejas no Planalto**, de Carlos Alberto Mattos (Coleção Aplauso, 2008).

Nos Faróis de um puríssimo documentarista brasileiro, chama atenção a presença de dois clássicos de ficção do cinema europeu.

O HOMEM DE ARAN, de Robert Flaherty.

“Onde vislumbrei pela primeira vez (só depois conheci **Nanook**) um cinema ligado de forma direta nas relações do homem com a natureza, dispensando os dispositivos clássicos como a “story”, atores profissionais e cenários artificiais. Foi uma completa e perturbadora revelação”.

HIROSHIMA, MON AMOUR.

“Alain Resnais falou à consciência moral da época mobilizando a sensibilidade estética para uma forma nova e transgressora, ao transitar no espaço-tempo do cinema e da memória. Antes de ver o filme, me encantava ouvindo Caetano Veloso, colega de turma na faculdade, “recitar” de cor os diálogos de Marguerite Duras. Inesquecível”.

ROCCO E SEUS IRMÃOS, de Luchino Visconti.

“Mestre absoluto, Visconti universalizou a tragédia do migrante. Este filme é a súplica maior de todo o neo-realismo italiano, quando este já se finara como o mais sensível testemunho do pós-guerra na Europa. Gênio entre os gênios”.

CABRA MERCADO PARA MORRER, de Eduardo Coutinho.

“O filme que melhor falou da realidade brasileira revelada no período que antecedeu o golpe militar e se estendeu até a redemocratização do país. Move-se junto com a História, que é sua matéria-prima, e formará para sempre uma tríade com **Vidas Secas** e **Terra em Transe** como os filmes emblemáticos do Brasil do século 20”.

BORINAGE, de Joris Ivens e Henri Storck.

“Pequena obra-prima de um cineasta engajado (Ivens) nos temas da angústia social e da condição humana. Especialmente nos momentos em que o destino dos povos estava em jogo, como no caso das guerras, revoluções e calamidades. Ali sempre se encontrava Joris Ivens com sua câmara militante”.

Sinopses



ANA

Alex Viary, 1955. 25 min

Episódio do filme internacional *A Rosa dos Ventos*, supervisionado por Joris Ivens, em torno do tema da fome. Escrito por Jorge Amado e rodado na Bahia, narra a viagem de um grupo de migrantes nordestinos rumo a São Paulo. No caminho, um operário desmonta um plano de exploração de mão-de-obra e um parto tem que ser realizado à beira da estrada.

CC2: Qua 08, 15h30 e Sáb 18, 15h30

FAROL DE OCTÁVIO BEZERRA



ANA CRISTINA CÉSAR – A POESIA É UMA OU DUAS LINHAS E POR TRÁS UMA IMENSA PAISAGEM

João Moreira Salles, 1990. 9 min

Vídeo-tributo à memória da poeta Ana Cristina César (1952-1983), utiliza gravações de sua voz e canção de Billie Holiday numa narrativa experimental. Passa pelas principais referências literárias da poeta: Drummond, Bandeira, Baudelaire, T.S. Eliot.

Oi: Ter 07, 17h / CC1: Sáb 11, 16h e Dom 12, 18h30

FAROL DE BEBETO ABRANTES



ARRAIAL DO CABO

Paulo César Saraceni e Mário Carneiro, 1959. 17 min

A instalação de uma indústria química em reduto de pescadores, no litoral do Rio de Janeiro, interfere nas formas tradicionais de vida do local, modifica as relações dos habitantes e determina o afastamento de muitos da aldeia em busca de trabalho.

Oi: Seg 06, 19h / CC1: Qua 08, 18h30

FAROL DE JOEL PIZZINI

HOMENAGEM A MÁRIO CARNEIRO



ATÉ QUANDO?

Belisário Franca e Bebeto Abrantes, 2005. 51 min

Por trás das estatísticas de assassinatos de jovens nas periferias do Rio e de Recife está a grande dor das vítimas ocultas desses números: parentes e amigos de jovens chacinados e de policiais mortos em serviço. Por meio de depoimentos, cenas de ação policial e entrevistas, o documentário busca evidenciar a banalização da morte e da violência.

CC2: Sáb 11, 18h e Dom 12, 15h30

ÁUREA

Zeca Ferreira, RJ, 2009. 16 min

Uma noite na vida da cantora Áurea Martins, de 70 anos. A preparação sem camarim, o show e a volta anônima para casa no bairro distante. Uma trabalhadora da noite, como tantos.

Oi: Qua 15, 19h / CC1: Dom 19, 18h30

SESSÃO NOVAS LUZES



UMA AVENIDA CHAMADA BRASIL

Octávio Bezerra, 1988. 85 min

Crônica sobre a avenida que dá acesso ao Rio de Janeiro, passando por diversas favelas e bairros operários. Assaltos e violência dos esquadrões são alguns dos fatos capturados por uma câmera que rodou pela Avenida Brasil ao longo de seis meses, flagrando o crime, o vício, as perversões, a polícia, os bandidos e uma multidão de deserdados convivendo com o medo, as ameaças constantes e a morte. Fotografia de Miguel Rio Branco.

Oi: Ter 14, 19h / CC1: Sáb 18, 18h30 e Dom 19, 16h



BAHIA DE TODOS OS SANTOS

Maurice Capovilla, 1974. 50 min

Adaptação do livro de Jorge Amado, que tem como subtítulo "Guia das ruas e mistérios de Salvador". O filme recorda antigos heróis e encontra um deles vivo, Mestre Pastinha, já doente e nos últimos dias de vida. Conversa com Mário Cravo e Carybé. Nas ladeiras de Salvador depara-se com o jovem Gilberto Gil, que canta uma música ainda inédita. Depois entra no carnaval, na pista do Trio Elétrico de Dodô e Osmar. Produzido para a série Globo Repórter Documento.

Oi: Ter 14, 17h / CC2: Sáb 18, 18h e Dom 19, 15h30



BAILÃO

Marcelo Caetano, SP, 2009. 16 min

A memória de uma geração visitada por seus personagens. O cenário é um tradicional encontro de gays sessentões numa casa noturna do centro de São Paulo. O enredo, a urgência da vida. E o Bailão, o ponto de convergência dessas histórias.

Oi: Qua 15, 19h / CC1: Dom 19, 18h30

SESSÃO NOVAS LUZES



Sinopses



BORINAGE

Misère au Borinage. Joris Ivens e Henri Storck, Bélgica, 1933. 34 min
Documentário sobre a terrível condição dos mineiros da região de Borinage, que enfrentaram violência policial e foram despejados de suas casas após uma greve em 1932. Os diretores contaram com a ajuda dos trabalhadores e se posicionaram a seu lado na batalha pela sobrevivência.

CC2: Qua 08, 15h30 e Sáb 18, 15h30

FAROL DE VLADIMIR CARVALHO



CABRA MARCADO PARA MORRER

Eduardo Coutinho, 1981. 116 min
No início da década de 1960, o líder camponês João Pedro Teixeira é assassinado por ordem de latifundiários de Pernambuco. As filmagens de sua vida, interpretada pelos próprios camponeses, foram interrompidas pelo golpe militar de 1964. Dezesete anos depois, o diretor retoma o projeto e procura a viúva Elizabeth Teixeira e seus dez filhos, dispersados pela repressão. Um clássico do documentário brasileiro que refaz a História através do cinema.

Oi: Qui 09, 19h / CC1: Ter 14, 18h30 e Qua 15, 16h

FAROL DE VLADIMIR CARVALHO, MANFREDO CALDAS, FABIANO MACIEL, MARCOS DE SOUZA MENDES, SÉRGIO MUNIZ, TETÊ MORAES, JEAN-CLAUDE BERNARDET, THEREZA JESSOUROUN



CORAÇÕES E MENTES

Hearts and Minds. Peter Davis, 1974. 112 min
A mais potente investigação jamais feita sobre a Guerra do Vietnã, que se amplia para uma reflexão sobre o militarismo e a presença do racismo na cultura dos EUA. Baseia-se em imagens da guerra, entrevistas com ex-combatentes americanos e sobreviventes vietnamitas para evidenciar a humanidade do "inimigo" que a propaganda tentou apagar. Vencedor do Oscar de melhor documentário.

CC2: Qui 09, 18h e Sex 10, 15h30

FAROL DE SYLVIO BACK E TETÊ MORAES

CRIADOR DE IMAGENS: ENSAIO SOBRE O OLHAR DE MÁRIO CARNEIRO

Miguel Freire e Diego Hoefel, 2007. 15 min

Momento intimista com Mário Carneiro, no qual ele revela encontros e caminhos que o levaram a interagir com o mundo através da pintura, da gravura e da fotografia. Reflexões que vêm de *Arraial do Cabo* e *Porto das Caixas* para a centena de filmes que iluminou.

Oi: Seg 06, 19h / CC1: Qua 08, 18h30

HOMENAGEM A MÁRIO CARNEIRO



ENIGMA DE UM DIA

Joel Pizzini, 1996. 20 min

Um vigia de museu, motivado pelo quadro homônimo de De Chirico, é introduzido, através do cotidiano, no universo metafísico do pintor italiano. Fotografia de Mário Carneiro.

Oi: Seg 06, 19h / CC1: Qua 08, 18h30

HOMENAGEM A MÁRIO CARNEIRO



EU, UM NEGRO

Moi, un Noir. Jean-Rouch, França/Costa do Marfim, 1958. 72 min

Um grupo de amigos vive de biscates na Costa do Marfim. Aceitando a proposta de Rouch, cada um imaginou ser um personagem, inventou uma história e encenou-a pela cidade. Depois, assistindo às cenas captadas sem som, eles recriaram as falas que haviam improvisado. Assim o filme põe em xeque a situação colonial e as fronteiras entre ficção e realidade.

CC2: Qua 08, 18h

FAROL DE WALTER SALLES



FACES

Faces. John Cassavetes, EUA, 1968. 130 min

A desintegração de um casamento é dissecado em imagens filmadas em 16mm, preto e branco, com alto contraste e uma improvisação visceral por parte do elenco. O filme segue um capitão de indústria e sua mulher nas fúteis tentativas de escaparem da angústia de sua união nos braços de outros. Um dos maiores momentos do então jovem cinema independente americano.

CC2: Ter 14, 18h e Qua 15, 15h30

FAROL DE EDUARDO COUTINHO



Sinopses



GUERRA DOS MENINOS

Sandra Werneck, 1991. 52 min

Documentário pioneiro baseado em livro-reportagem de Gilberto Dimenstein. A delinquência juvenil e a prostituição infantil como alternativas de sobrevivência, a violência policial, a institucionalização do matador na organização de grupos de extermínio, a impunidade generalizada e a banalização da morte são reveladas através do contato frontal com personagens que vivenciam diariamente a violenta realidade brasileira.

CC2: Sáb 11, 18h e Dom 12, 15h30



HARUO OHARA

Rodrigo Grotta, PR, 2010. 16 min

A vida e a obra do imigrante, agricultor e fotógrafo japonês Haruo Ohara (1909-1999), contada pela ótica de suas próprias fotografias. Este curta fecha a Trilogia do Esquecimento, de Rodrigo Grotta, composta também por *Satori Uso* (2007) e *Booker Pittman* (2008).

Oi: Qua 15, 19h / CC1: Dom 19, 18h30

FA Sessão Novas Luzes



HÉRCULES 56

Silvio Da-Rin, 2006. 93 min

Participantes do sequestro do embaixador americano Charles Elbrick em 1969 e prisioneiros trocados pelo diplomata relembram aqueles dias de luta armada contra o regime militar. Os detalhes da operação, a viagem dos presos políticos para o exílio e as consequências do episódio são analisados numa espécie de balanço, considerando a perspectiva do Brasil contemporâneo.

CC1: Qui 09, 18h30 e Sex 10, 16h / Oi: Qui 16, 19h



HIROSHIMA MEU AMOR

Hiroshima Mon Amour. Alain Resnais, França/Japão, 1959. 90 min

Jovem francesa participa de um filme sobre a paz em Hiroshima e passa a noite com um arquiteto japonês que a faz lembrar-se de seu primeiro namorado, um soldado alemão, na cidade de Nevers durante a II Guerra Mundial. Primeiro longa de Alain Resnais, escrito por Marguerite Duras. Sua narrativa entrecortada entre passado e presente, memória e incertezas quanto ao futuro exerceu enorme influência sobre o cinema moderno.

CC1: Qui 16, 16h e Sex 17, 18h30

FA Farol de Vladimir Carvalho e Jorge Bodanzky

O HOMEM COM A CÂMERA

Chelovek s Kino-Apparatom. Dziga Vertov, URSS, 1929. 68 min

Um dia na vida de Odessa e outras cidades soviéticas, narrado numa frenética sucessão de efeitos óticos, movimentos de câmera e recursos de montagem. Homens, cidades e máquinas interagem dinamicamente. O cinegrafista (kinok) é o personagem principal. Ele revela a realidade através do cinema-olho, um dispositivo capaz de ir muito além da visão humana e de romper os cânones narrativos então em voga. Um dos mais influentes documentários de todos os tempos.

CC2: Qui 09, 15h30 e Sex 10, 18h

FA Farol de Silvio Da-Rin, Eryk Rocha, Maurice Capovilla, Sandra Werneck, Evaldo Mocarzel, Cao Guimarães, Carlos Adriano, Jean-Claude Bernardet, Victor Lopes, Vivian Ostrovsky



O HOMEM DE ARAN

Man of Aran. Robert Flaherty, Inglaterra, 1934. 76 min

Clássico documentário, em boa parte ficcionado, sobre a dura vida dos habitantes das ilhas Aran, na Irlanda. O filme enfoca a saga da pesca, da caça e da cultura de batatas numa região de topografia árida e acidentada, onde a sobrevivência depende de uma vitória cotidiana contra as agruras da natureza. Flaherty escalou o "elenco" com moradores locais e criou imagens poéticas de imorredoura beleza.

CC2: Ter 14, 15h30 e Qua 15, 18h

FA Farol de Vladimir Carvalho, Walter Salles, João Batista de Andrade



OS HOMENS VERDES DA NOITE

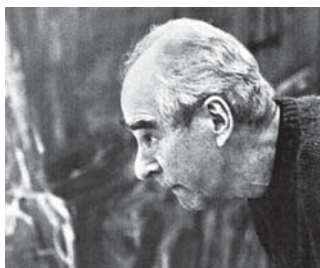
Maurice Capovilla, 1977. 50 min

Documentário sobre figuras da noite carioca e paulista, como um contrabaixista sócia de Grande Otelo, um garçom, um cantor de casa noturna da zona portuária e um travesti de boate gay. Eles trabalham na madrugada, dormem de dia e raramente tomam sol. Produzido para a série Globo Repórter, mas não exibido pela emissora.

Oi: Ter 14, 17h / CC2: Sáb 18, 18h e Dom 19, 15h30



Sinopses



IBERÊ CAMARGO - PINTURA, PINTURA

Mário Carneiro, 1983. 12 min

Registro da criação artística de Iberê Camargo no período entre 1973 e 1981. O depoimento do artista se mescla à execução de um retrato, demonstrando a arte, a técnica e a inspiração do pintor.

Oi: Seg 06, 19h / CC1: Qua 08, 18h30

📺 HOMENAGEM A MÁRIO CARNEIRO



IRACEMA - UMA TRANSA AMAZÔNICA

Jorge Bodanzky e Orlando Senna, 1974. 90 min

Em contraste com a megalômana propaganda oficial da ditadura, uma câmera sensível revelava os problemas que a estrada Transamazônica trazia para a região: desmatamento, queimadas, trabalho escravo, prostituição infantil. Numa mescla de documentário e ficção, o filme narra o encontro da jovem Iracema com o caminhoneiro Tião Brasil Grande. Proibido pela censura durante seis anos, ganhou prêmios em festivais internacionais e, em 1980, quando liberado, venceu o Festival de Brasília.

Oi: Qua 08, 19h / CC1: Qui 16, 18h30 e Sex 17, 16h

📺 FAROL DE ERYK ROCHA, AURÉLIO MICHILES, CARLOS NADER, CEZAR MIGLIORIN, FABIANO MACIEL



MÃOS DE OUTUBRO

Vitor Souza Lima, PA, 2010. 21 min

Outubro de festa. Romeiros, operários, escultores, estilistas, decoradores, guardas da Santa, fogueteiros, promesseiros, tocadores de sinos. Todas as classes, todas as idades. Todas as mãos que constroem a maior manifestação de fé do Brasil, o Círio de Nazaré, em Belém do Pará.

Oi: Qua 15, 19h / CC1: Dom 19, 18h30

📺 SESSÃO NOVAS LUZES

MENINAS

Sandra Werneck, 2005. 71 min

Evelin tem 13 anos e está grávida de um ex-traficante. Aos 15 anos, Luana diz que planejou sua gravidez. Edilene, 14 anos, espera um filho de Alex, que também engravidou Joice. O documentário acompanha por um ano o cotidiano dessas meninas-mães em favelas e bairros populares do Rio. O período da gestação - em que a espera é a única grande aliada - coincide com o fim de seus sonhos infantis.

Oi: Ter 07, 19h / CC1: Sáb 11, 18h30 e Dom 12, 16h



OS MESTRES LOUCOS

Les Maitres Fous. Jean-Rouch, França/Gana, 1955. 26 min

Habitantes de uma aldeia de Gana participam de uma seita cujos membros, em transe, personificam figuras do colonialismo inglês. No auge do ritual de possessão um animal é sacrificado e comido pelos "mestres loucos" - trabalhadores que logo retomarão seu cotidiano sem mistério.

CC2: Qua 08, 18h

📺 FAROL DE MÁRIO CARNEIRO, NELSON PEREIRA DOS SANTOS



NÓS

Menq. Artavazd Pelechian, URSS, 1969. 23 min

Imagens extraordinárias da natureza, do povo e do trabalho compõem um ensaio poético sobre a identidade da nação armênia. É a vida que segue em meio às dificuldades de um cotidiano árduo e arriscado, na base da resiliência e da fé.

CC2: Qui 16, 15h30 e Sex 17, 18h



NOVA TERRA

Nieuwe Gronden. Joris Ivens, 1933. 29 min

Durante três anos Ivens e sua equipe documentaram a construção de uma grande represa na baía Zuiderzee, na Holanda, enfatizando o caráter monumental da obra e o papel dos trabalhadores. O filme conclui com uma crítica à especulação capitalista.

CC2: Qua 08, 15h30 e Sáb 18, 15h30



Sinopses



OCIEL DEL TOA

Nicolás Guillén Landrián, Cuba, 1965. 16 min

Um dos mais admirados documentários cubanos, é a visão poética e idealizada da vida ao redor do rio Toa, na província de Oriente. O diretor, também um pintor e sobrinho do poeta Nicolás Guillén, ficou encantado com a beleza do lugar e de sua gente. No filme, as imagens e sons falam por si.

CC2: Qui 16, 15h30 e Sex 17, 18h

FAROL DE ERYK ROCHA



PACHAMAMA

Eryk Rocha, 2009. 105 min

Uma pequena odisséia de 30 dias pela realidade amazônica e andina, que revela um continente em ebulição, mas perpassado por cultura milenar. Do Rio de Janeiro ao Peru e à Bolívia, este *road-doc* recolhe sinais e discussões sobre a nova democracia sul-americana. Quando se move, *Pachamama* é dominado pela exuberância da natureza. Quando se detém, são os rostos que falam, com palavras ou com silêncios nos quais se podem ler muitos significados.

Oi: Qua 08, 17h / CC2: Qui 16, 18h e Sex 17, 15h30



O PAÍS DE SÃO SARUÊ

Vladimir Carvalho, 1970. 82 min

Documentário sobre a região do Rio do Peixe, na Paraíba, enfocando a exploração do trabalho de vaqueiros e lavradores, assim como das riquezas minerais, num modelo que vem do colonialismo. Inspirado num título célebre da literatura de cordel, o filme contrapõe a utopia e a dura realidade do sertão. Proibido pela censura durante nove anos, foi lançado somente em 1979. Prêmio Especial do Júri no Festival de Brasília.

Oi: Qui 09, 17h / CC1: Ter 14, 16h e Qua 15, 18h30

FAROL DE BEBETO ABRANTES, SILVIO TENDLER E MANFREDO CALDAS

A PEDRA DA RIQUEZA

Vladimir Carvalho, 1975. 16 min

A partir de depoimentos de um ex-garimpeiro, conhecemos as rudimentares condições de vida dos trabalhadores de uma mina de xelita no interior da Paraíba. Eles ignoram o destino e o valor da matéria-prima que extraem: o tungstênio, utilizado nos mais sofisticados instrumentos da tecnologia nuclear.

Oi: Qui 09, 17h / CC2: Ter 14, 15h30 e Qua 15, 18h

FAROL DE RICARDO MIRANDA



POUCO A POUCO

Petit à Petit. Jean Rouch, França/Niger, 1972. 90 min

Em Ayorou, juntamente com Lam e Illo, Damouré dirige uma empresa de importação e exportação chamada Pouco a Pouco. Ao decidir erguer um edifício, ele parte para Paris a fim de verificar “como se vive numa casa de vários andares”. Na cidade, descobre as curiosas maneiras de viver e pensar da tribo dos parisienses. Acreditando-o louco, Lam parte à sua busca. Em Paris, Damouré e Lam compram um conversível Bugatti e fazem novos amigos.

O grupo decide voltar à África para construir a nova casa.

CC2: Sáb 11, 15h30 e Dom 12, 18h

FAROL DE SANDRA WERNECK



AS QUATRO ESTAÇÕES

Vremena Goda. Artavazd Pelechian, URSS, 1975. 28 min

Através da mudança das estações, somos apresentados a diversas formas de relação dos camponeses armênios com seus rebanhos: habitual, lúdica, épica, etc. As diversas faces da convivência de homens com a natureza.

CC2: Qui 16, 15h30 e Sex 17, 18h

FAROL DE ERYK ROCHA





RECIFE/SEVILHA: JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Bebeto Abrantes, 2003. 52 min

Duas cidades que, cortejadas pelo poeta, configuram um universo onde cabem muitas referências da vasta produção de João Cabral. O Recife do menino de engenho e do rapaz mundano; a Sevilha do homem feito andarilho por força de sua carreira de diplomata. O documentário entra nessas cidades tendo como guia os poemas, depoimentos e casos narrados de viva voz e de letra impressa pelo poeta. Assim, quer dar a ver o homem João Cabral de Melo Neto. Oi: Ter 07, 17h / CC1: Sáb 11, 16h e Dom 12, 18h30



VIDAS SECAS

Nelson Pereira dos Santos, 1962. 103 min

O drama da seca e dos retirantes nordestinos é sintetizado na saga de Fabiano, sua família e sua cadela Baleia, que se deslocam pelo sertão em busca de sobrevivência. Suas perdas e humilhações se dão sob um sol escaldante e um sistema de economia e poder igualmente duro. O filme consagrou uma estética do sertão e recebeu os prêmios da OCIC e dos cinemas de arte no Festival de Cannes. Baseado no romance de Graciliano Ramos.

CC1: Qua 08, 16h e Sáb 18, 16h / Oi: Qui 15, 17h

FAROL DE MAURICE CAPOVILLA, VLADIMIR CARVALHO, MANFREDO CALDAS, MARCOS DE SOUZA MENDES, SÉRGIO SANZ



YNDIO DO BRASIL

Sylvio Back, 1995. 70 min

Compilação de dezenas de filmes nacionais e estrangeiros - de ficção, cinejornais e documentários - revelando como o cinema vê e ouve o índio brasileiro desde quando foi filmado pela primeira vez em 1912. São imagens surpreendentes, emolduradas por músicas temáticas e poemas, que transportam o espectador a um universo idílico e preconceituoso, religioso e militarizado, cruel e mágico.

CC1: Qui 09, 16h e Sex 10, 18h30 / Oi: Qui 16, 17h

CURADORIA, TEXTOS E MEDIAÇÃO DOS ENCONTROS: Carlos Alberto Mattos

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Paula Alves e Marcelo Laffitte

PRODUÇÃO DE PROGRAMAÇÃO: Mariana Bezerra e Eduardo Cerveira

ASSISTENTE DE PROGRAMAÇÃO: Juliana Loretti

PRODUÇÃO: Caroline Moreira

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO: Bárbara Defanti, Matheus Marques e Lucas Araujo

PROJETO GRÁFICO: Dulado Design

ASSESSORIA DE IMPRENSA: Mariana Bezerra e Cláudia Oliveira

MARKETING EM MÍDIAS DIGITAIS: Karina Gonçalves

TRADUÇÃO DE LEGENDAS: Ana de Andrada

LEGENDAGEM E MAKING OF: Luiz Guilherme Guerreiro

FOTÓGRAFA: Maria Eduarda Tavares

SONORIZAÇÃO DOS ENCONTROS: SP Projeções

ASSESSORIA JURÍDICA: Flávio Pougy

ELABORAÇÃO DE PROJETO: Rodrigo Guimarães

Agradecimentos

Acervo Alex Viany	Carlos Eduardo dos Santos	Gustavo Dahl	Louise Peres	Nixon Silva	Rovane Jorge Guimarães
Adriana Ferraz	Carolina Rapp	Hernani Heffner	Lucas Carci	Patricia Bárbara	Sabrina Candido
Adriana Rattes	Catherine Faudry	Hileana Carneiro	Lucia Maria Macedo Carvalho	Patrícia Gomes	Sandra Wirtz
Alcione Abraão	Cavi Borges	Isabel Cristina Guimarães	Luis Erlanger	Patricia Rebello	Sérgio Pedrosa
Aleques Eiterer	Cláudia Almeida	Isabel Monteiro	Luiza Marques	Paulo Celso Moreira	Sérgio Portugal
Alessandra Castañeda de Araújo	Cleonice Cerveira	Ivan Barbosa	Marcelle Darrieux	Paulo César Saraceni	Shirley Fioretti Costa
Amanda Rodrigues	Conceição Alves	Joana Nin	Marcelo Alves	Paulo Sérgio Cerveira	Simone Bustamante
Ana Beatriz Vasconcellos	Conceição Cascareja	Joana Nogueira	Marcelo Mattos	Pedro Genescá	Tânia Luz
André Duffles	Cristina Moco Chauvin	Joel Pizzini	Marcia Sant'Anna Pereira dos Santos	Poliana Paiva	Tatiana Richard
André Muniz	Daniel White	Jorge Bittencurt	Marco Aurélio Alves	Rafael Amorim	Tetê Mattos
André Saddy	Danilo Pádua	Jorge Bodanzky	Marcos Santos	Rany Martins	Thiago Vieira
Andréia Lamoglia	Dante Campana	José Almeida	Maria Alice Fontes	Raquel Rocha	Tiago Sales
Andréia Mendes	Denise Lopes	Julio Miranda	Maria Amália Coutinho	Rede Globo - Cedoc	Vander Santos
Angelo Defanti	Elaine Cristina Pinto	Karla Nogueira Alves	Maria Arlete Mendes Gonçalves	Regina Ramos Albuquerque	Vania Lucia Alves Moreira
Antônio Laurindo	Eliana Santos	Kriscon Contabilidade Ltda.	Maria Nauer	Renata Cipriano	Vera Rezende
Antonio Leal	Fábio Savino	Laura Liuzzi	Mariana Altenbernd	Renata Louro	Victor Almeida Oliveira
Associação Amigos na Cultura	Flavia Candida	Laura Marques	Mariana Várzea	Renato Baractho	Victor Neves
Beth Sá Freire	George Moraes	Laurinda Carvalho	Mateus Moreira	Ricardo Beghini	Vitorino Beghini
Betina Viany	Gilson Rodrigues	Lea Rufino	Miguel Freire	Ricardo Miranda	Wanda Ribeiro
Brigitte Veyne	Guilherme Santos	Leandro Botelho	Mônica Cotta	Roberto de Castro Guimarães	William Hinestrosa
Camille Lebon	Guilherme Tristão	Liana Correa	Nelson Pereira dos Santos	Rodrigo Neves	Zita Carvalhosa
Carla Branco	Gustavo Andreotta			Rosângela Sodré	

Apoios



SECRETARIA DE CULTURA
LEI ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA

PATROCÍNIO:



VIDEOFILMES

LAFFILMES cinematográfica

INSTITUTO *femina* DE CULTURA E CIDADANIA

REALIZAÇÃO:



GULA GULA restaurante

Restô IPANEMA

BARTHODOMEU Um bar todo seu



APOIO:



Dito & Feito SUA NOITE COMEÇA AQUI

DONNA NATUREZA água mineral natural

BORDOUT soluções gráficas



PROMOÇÃO



patrocínio:



CAIXA



GOVERNO DO
**Rio de
Janeiro**

**SECRETARIA
DE CULTURA**

LEI FEDERAL DE
INCENTIVO
A CULTURA